

NOSSO TEATRINHO
A ÚLTIMA SERENATA
HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ERICO CRAMER

[Handwritten signature]

PERSONAGENS:

ZULMIRA..... LINDA GAY ✓
IZALPINA..... MARIA DE LOURDES ✓
ODETE..... SILVIA LUCIA ✓
DR. CASSIO ~~MURPHY MURPHY~~ J. PIRES ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~
SERESTEIRO..... ~~LUIZ MENÉZES~~ LUIZ MENÉZES?

CENÁRIOS:

- 1º) - SALETA DE CASA MODESTA, COM PORTA E JANELA AO FUNDO, VENDO-SE, ATRAVÉS DA JANELA, AS CASAS DO OUTRO LADO DA RUA, ONDE SE VERA UM SERESTEIRO DANDO SERENATA À FRENTE DE UMA DAS CASAS. (ESTE CENÁRIO É CONJUGADO COM O QUARTO, QUE É O SEGUNDO CENÁRIO, POR UMA PORTA DUPLA).
- 2º) - QUARTO PEQUENO E MODESTO, LIGADO À SALA APENAS POR UMA PORTA DUPLA À ESQUERDA E UMA JANELA AO FUNDO.

DATA DA APRESENTAÇÃO..... 22.5.1960

TV PIRATINI - CANAL 5
FUNDO DE CASARIO



A ÚLTIMA SERENATA

HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ERICO GRAMER

.....

SLIDES:

- 1º) TV PIRATINI APRESENTA
- 2º) em NOSSO TEATRINHO
- 3º) A ÚLTIMA SERENATA
- 4º) com LINDA GAY
J. PIRES
- 5º) MARIA DE LOURDES COLARES
LUIZ MENEZES
- 6º) SÍLVIA LÚCIA
- 7º) CENÁRIOS DE GILBERTO RUIZ
- 8º) SONOPLASTIA DE JOÃO O'DONNELL
- 9º) SUITE DE CAMBISES MARTINS
- 10º) HISTÓRIA E REALIZAÇÃO DE ERICO GRAMER

AUDIO - PREFIXO MUSICAL.

AUDIO - DISSOLVE

ABERTURA sôbre: G.P. de ZULMIRA, cega, re-
costada na cama, cabelo todo puxado, ter-
minando numa trança, camisa de mangas com
polidas, a voz de quem já está se despedindo
da vida.

- QUARTO DE DORMIR -

AFASTAMENTO até P.A. de Zulmira, enqua-
drando, sentada perto da cama, Odete, que
de vez em quando sacode a cabeça, tris-
temente.

ZULMIRA - Meu filho vai voltar. Um coração de
mãe nunca se engana e o meu vive a me dizer,
todos os dias: Raymundo vai voltar. Qualquer
dia ele está de volta. Eu o espero ansiosa,
porque não quero morrer sem rever o meu filho
querido.

ZULMIRA - Como era bonito o meu Raymundo! E
como cantava bem! Quando saía a dar serenatas
para as meninas da vila, ao regressar, de ma-
drugada, acordava-me cantando uma canção que
até hoje recordo com saudade: Mãezinha.

ZULMIRA - (CONT) Eu me levantava, verificava que estava quasi amanhecendo, zangava-me e procurava censurá-lo, mas êle me tapava a boca com um beijo e terminavamos os dois na cosinha tomando café juntos e êle a contar-me as suas aventuras daquela noite. (Pausa) (Baixa o tom) Depois... meteu-se-lhe na cabeça enriquecer... fazer fortuna... perdeu-se pelos camirhos da vida e esqueceu-se que nos deixou aqui, mas um dia eu sei que êle se lembrará e virá para junto de nós. E enquanto isso não se der... eu ficarei esperando... (Pausa e Tom) Odete, minha filha, tú estás aí?

CORTE

P.P. de ODETE, limpando as lágrimas com a mão.

AFASTAMENTO até enquadrar as duas.

ODETE - Estou, mãe.

ZULMIRA - (F.Q.) Tão calada. Por que?

ODETE - Escutando o que a senhora dizia.

ZULMIRA - Tú estás triste, eu sinto pela tua voz.

ODETE - Não, mãe, não estou.

ZULMIRA - Estás, sim. Eu não te posso ver mas sinto a tua voz embaçada pela tristeza. E sei o que te entristece. O doutor Cássio anda a te dizer coisas sôbre a minha saúde. Assustando-te. Mas não te preocupes, filha. Não te preocupes. Eu não te deixarei sózinha. Eu só me entregarei quando teu irmão tenha voltado e eu tenha experimentado ainda uma vez a felicidade de ouvir uma das suas maravilhosas serenatas. Quando isto acontecer... eu deixarei que me levem. Antes, não.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ZULMIRA.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de CASSIO, já de pé pa-
ra sair, arrumando seus apetrechos na
maleta e falando.

- SALETA MODESTA -

ANSTAMENTO até P.A. de CASSIO, enqua-
drando, a seguir, ODETE.

CASSIO - A situação é a mesma, Srta. Odete.
Não adianta nada receitar. Sua mãe está vi-
vendo, eu nem sei explicar como. É o caso de
se dizer que ela vive de teimosa. Pela força
de vontade de tornar a ver o filho.

CASSIO - Eu às vezes penso que talvez fosse
melhor dizer-se-lhe a verdade. Ela sabendo
que o filho já não existe, deixaria de reagir
e terminaria de vez essa agonia de uma tão
longa espera. Você... você não se animaria
a dizer-lhe o que houve?

ODETE - Não, doutor, não tenho coragem. Acho
que tirar-lhe essa última esperança é o mesmo
que lhe cravar um punhal no coração.

CASSIO - Bem... eu não lhe digo precisamente
que faça isso. Apenas lhe pergunto se não acha-
ria melhor. Viver dessa maneira não é viver.

ODETE - Sim, doutor, eu sei, mas de um certo
modo eu não me sinto com o direito de cortar
o fio que a prende à vida, entende?

CASSIO - Sim, sim, entendo, como não?

ODETE - Acho que se fizesse isso, guardaria
sempre comigo a sensação de ter assassinado
a minha mãe.

CORTE.

P.P. DOUTOR CASSIO

CASSIO - Bem, neste caso não nos resta outra
alternativa senão esperar que se gastem as su-
as últimas resistências.

APROXIMAÇÃO até G.P. de CASSIO.

ÁUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com: G.P. de IZALTINA, na porta do quarto de ZULMIRA, com um pratinho de doces na mão.

- QUARTO DE DORMIR -

AFASTAMENTO até enquadrar ZULMIRA.
P.A. das DUAS.

IZALTINA - Como é que a vizinha passou a tarde?

ZULMIRA - Do mesmo jeito, dona Izaltina. Resistindo. A magra quer me levar, mas eu não me entrego. Antes do meu filho chegar, não. Depois, não faço questão. ^{de ficar.} (Pausa) E a senhora, sempre trabalhando muito?

IZALTINA - Que se vai fazer? A gente precisa trabalhar para viver... Entreguei uma encomenda grande de doces esta tarde. Está aqui um pratinho que eu tirei das sobras para a senhora e para a Odete.

IZALTINA COLOCA O PRATINHO DE DOCES EM CIMA DA MESINHA DE CABECEIRA.

IZALTINA - Vou botar aqui na mesinha de cabeceira. Quando a senhora quiser, é só estender a mão.

ZULMIRA - Ah, está bem, muito obrigada. A senhora sempre se incomodando, vizinha.

IZALTINA - Incomodo nenhum. Pelo contrário, é um prazer.

IZALTINA SENTA NUMA CADEIRA PERTO DA CAMA.

IZALTINA - Como é que a senhora está se sentindo hoje?

ZULMIRA - Muito animada, sabe? Tive um sonho com o meu filho que me trouxe uma esperança muito grande. Sonhei que ele vinha cavalgando um corcel todo ajaezado de vermelho e ouro, me abanando de longe e se aproximando de mim, sorridente. Que é que a senhora acha desse sonho?

IZALTINA - Muito significativo, dona Zulmira, não tem dúvida. Se ele vinha se aproximando da senhora, de fato a impressão que se tem é de que ele está chegando. E a Odete?

ZULMIRA - Deve andar lá pela cosinha, preparando alguma coisa para mim. Coitada! Ela não sabe o que vai fazer.

IZALTINA - Eu prometi a ela que viria ficar com a senhora esta tarde, enquanto ela ia pagar o aluguel da casa e a conta da farmácia. A senhora vai me dar licença um momento, eu vou lá na cosinha avisar ~~xxxx~~ que já estou aqui.

ZULMIRA - Pode entrar, dona Izaltina, vá. A senhora é de casa.

IZALTINA - É só um instantinho e eu já estou de volta.

IZALTINA SAI PELA CÂMERA .

APROXIMAÇÃO até P.P. de ZULMIRA, sonhando.

ZULMIRA - Eh vai chegar. Meu filho vai chegar. Agora, tenho certeza absoluta que êle vai chegar.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ZULMIRA.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

FUSÃO com G.P. de ODETE, chorosa, falando com o doutor CASSIO.

- SALETA MODESTA -

ILUMINAÇÃO - EFEITO DE NOITE.

ODETE - Ela está mal, não é doutor?

CASSIO - Para que mentir? Realmente, ela está muito mal. Apesar do seu desejo imenso de viver e da resistência enorme que ela opõe à morte, o coração, agora, já começou a fraquejar e eu não creio que ela possa resistir mais que dois dias.

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS.

ODETE CAMINHA PARA A PORTA DO QUARTO

E O MEDICO A ACOMPANHA.

PAN. HOR. acompanha os dois. Enquadra ZULMIRA deitada, imóvel, apenas o peito arfando e IZALTINA sentada perto da cama, de rosário na mão. Está rezando.

ODETE - Pobresinha! Prendeu-se à vida numa espera inútil. Não podia nem sequer imaginar que seu filho pagara com a vida o crime de um assalto a um banco. Só eu

ODETE - (CONT.) sei o que sofri e o que
passei, para poupar-lhe um desgosto tão
grande.

CASSIO - Ela agora vai descansar e você
descansará também.

VOLTAM OS DOIS PARA O CENTRO DA CENA, DI
RIGINDO-SE O MÉDICO PARA A PORTA DE SAÍDA.

ODETE VAI COM ELA.

PAN HOR. acompanha os DOIS.

CASSIO - Dona Izaltina vai ficar acompa
nhando a senhora?

ODETE - Vai, sim senhor.

CASSIO - Tem sido uma boa vizinha.

ODETE - É uma excelente amiga. Quanto me
tem valido! Se não fôsse ela nem sei o que
seria de mim.

CASSIO - Bem, então se por acaso perceber
qualquer precipitação do fim, durante a
noite, mande a dona Izaltina me telefonar
dali do Posto de Gazolina que em dez minu
tos eu estarei aqui.

ODETE - Sim, doutor, obrigada.

CASSIO - Boa noite.

ODETE - Boa noite, doutor.

O DOUTOR SAI. ODETE FECHA A PORTA, ENCOSTA-
SE A ELA E FICA PENSATIVA E TRISTONHA.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ODETE.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL

~~CONTRA REGRA - TRÊS BATIDAS DE SINO ESTE~~

~~CADES.~~ (Odete vai p^o o sofá
e tapa as pernas e
cobertor)

ILUMINAÇÃO - EFEITO DE NOITE.

FUSÃO com P.P. de IZALTINA, dar
~~DET de RELÓGIO antigo, marcando~~
muito do lado da cama.
~~de três horas da manhã.~~

CORTE.
PANORÂMICA até P.A. de IZALTINA cochilando
DET Relógio marcando 3 horas
de sentada numa cadeira ao lado da cama e

ZULMIRA deitada, imóvel.
PANORÂMICA Volta para a sala e se detém
do Relógio p^o Odete,
dominado no sofá.
sobre ODETE, sentada numa cadeira, com as

pernas na outra, embrulhadas por um cober
to

CONTRA REGRA - BATE 3
BATAFRADAS

IRROMPE LÁ FORA, NA CALÇADA EM FRENTE,
UMA SERENATA. MENEZES CANTA UMA CANÇÃO
QUE NÃO DEVE EXCEDER A DOIS MINUTOS,
ACOMPANHADO POR VIOLÃO. ODETE ACORDA.
DESTAPA AS PERNAS, LEVANTA E VAI À JA
NELA ESPIAR.

CORTE.

P.M. de Menezes, de costas, na calçada
em frente, tocando violão e cantando.

AFASTAMENTO até P.A. de ODETE, que se
mostra aflita e preocupada por causa
da mãe. Vai à porta espiar. Izaltina já
está acordada e de pé.

IZALTINA - Que coisa! A este hora da ma-
drugada esse homem a cantar dentro da noi-
te.

ODETE - Pois é. Eu estou preocupada por
causa da mãe. Com medo que ela perceba
e a música lhe faça mal.

IZALTINA - Se você quiser, eu vou pedir a
êle que vá cantar longe daqui.

ODETE - A senhora se anima?

IZALTINA - Claro que sim. Pelo que se ou-
ve ele não deve estar muito longe.

ODETE - Bem ali defronte. Agora mesmo che-
guei na janela e pude ver.

CORTE.

P.P. de ZULMIRA, acordando, os olhos ar-
regalados, sentando-se na cama, excitada.

ZULMIRA - É ele! O meu filho! Vocês estão
ouvindo? É o meu filho! É a voz dele!

ODETE E IZALTINA ENTRAM EM QUADRO.

ODETE - Dona Izaltina! Eu nem tinha repara-
do! A senhora sabe que essa voz é realment
igual à de meu irmão?

ZULMIRA - É êle, sim! Tenho a certeza que é êle! Meu coração não me engana! Chamem-no depressa. Eu o quero aqui. Pertinho de mim. Desejo afagá-lo! Desejo senti-lo! Desejo beijá-lo... antes que a morte me leve.

CORTE.

P.A. de IZALTINA E ODETE, fazendo sinais uma para a outra. Izaltina sacode afirmativamente a cabeça e sai.

ZULMIRA - Depressa, minha filha! Faz o que eu te peço. Vá chamá-lo, por Deus!

ODETE - Dona Izaltina já foi, mãe. Dentro de alguns momentos ele estará aqui.

ODETE SAI DO QUARTO E ENTRA NA SALA.

PAN. HOR. acompanha ODETE até à janela.

ODETE VAI À JANELA E FICA UM MOMENTO OUVINDO A SERENATA.

CORTE.

P.M. de MENEZES, de costas, cantando a serenata, até o momento em que Izaltina chega perto dele e bate-lhe no ombro, quando êle para imediatamente e permanecem os dois conversando.

IZALTINA E MENEZES ATRAVESSAM A RUA EM DIREÇÃO À CASA. IZALTINA ENTRA NA FRENTE E DIZ A ODETE.

IZALTINA - Já expliquei tudo a ele e ele está pronto a fazer esta caridade.

ODETE - Nem sei como lhe agradecer, senhor!

SERESTEIRO - Por favor, senhorita, não me custa nada. Sinto até um prazer muito grande em poder ser útil, a alguém.

ODETE - Venha, por favor.

DIRIGEM-SE TODOS PARA O QUARTO. ELE, DE PASSAGEM, DEIXA O VIOLÃO EM cima de uma cadeira, NA SALA.

PAN. HOR. acompanha OS TRES até o quarto.

IZALTINA FICA NA PORTA. ODETE SE APROXIMA DA CAMA COM O SERESTEIRO. ODETE FAZ SINAL A ELE PARA QUE FAÇA.

SERESTEIRO - Mãe! Sabe quem está aqui?

ZULMIRA - (extendendo as duas mãos para êle) Sei, meu filho, sei. Meu coração está te vendo! Alto, esbelto, bonito como sempre foste.

ZULMIRA SE ABRAÇA DESESPERADA NO SERESTEIRO QUE CORRESPONDE AO ABRAÇO E AOS BEIJOS QUE RECEBE.

ZULMIRA - Eu sabia que tú virias para fechar os meus olhos, meu filho! Eu sabia. Agora sim. Posso morrer descansada. Odete já não ficará sósinha. Entrego-te Odete, ouviste, meu filho? Cuida bem dela.

SERESTEIRO - Sim, mãe, prometo-lhe que cuidarei. Esteja descansada.

ZULMIRA - E agora, meu filho, enquanto ainda eu posso te ouvir, canta para mim. Que seja esta a minha última serenata, e depois Deus faça de mim o que quiser.

IZALTINA ALCANÇA O VIOLÃO AO SERESTEIRO QUE COMEÇA A CANTAR "MÃESINHA". ZULMIRA ESCUTA A CANÇÃO, REOSTADA NOS TRAVESSEIROS, SORRIDENTE E FELIZ. (SE HOVER TEMPO, A MUSICA IRÁ AO FIM, DO CONTRÁRIO, A CENA SERÁ ENCERRADA NA METADE).

ZULMIRA - (quando receber ordem) (Já quasi sem voz) Obrigada, meu Deus! Muito obrigada!

APROXIMAÇÃO até G.P. de ~~IZALTINA~~ ZULMIRA, agradecendo a Deus, de mãos postas.

AUDIO - PASSAGEM MUSICAL.

A ÚLTIMA SERENATA - Página 10

FUSÃO com: P.P. de Dr. CASSIO, conversan
do com D. IZALTINA.

AFASTAMENTO até P.A. dos DOIS.

CASSIO - Pois eu vi aquele rapaz aí, no dia do enterro e extranhei. Agora é que estou sabendo o que aconteceu.

IZALTINA - Ela morreu completamente feliz agarrada nas mãos dele, pensando que fôsse o filho. E ele foi muito bom, muito paciente com ela. E agora vem todas as noites saber notícias de Odete. Ontem deixou um recado que hoje queria falar com ela. Não demora ele deve chegar.

CASSIO - Então deixe-me ir de uma vez, para não servir de estorvo. Passe bem, dona Izaltina.

IZALTINA - Passe bem, doutor, obrigada pela visita.

O DOUTOR SAI. IZALTINA VAI COM ELE ATÉ À PORTA. IZALTINA OLHA PARA FORA, FECHA A PORTA E GRITA PARA DENTRO: ~~XXXXXXXX~~

IZALTINA - Odete, ^{lá na esquina} ele já vem vindo ^{apure.}

(TOM) Eu vou sair da sala antes que ele chegue, porque para sair depois eu acho que ~~é impossível ficar aqui~~ ^{da' na vista.}

(IZALTINA SAI PELA CAMERA. ODETE ENTRA, SE ARRUMANDO. ^{ESTÁ DE LUTO.}

CONTRA REGRA - BATIDAS DISCRETAS NA PORTA. ODETE ATEDE A PORTA. FAZ ENTRAR O RAPAZ.

SERESTEIRO - Boa noite, Odete.

ODETE - Boa noite. Entre.

SERESTEIRO ENTRA. ODETE FECHA A PORTA E CONVIDA-O A SENTAR-SE.

ODETE - Sente-se. Recebi seu recado, ontem, por Dona Izaltina. ^{Você} queria falar comigo?

SERESTEIRO - Sim, queria. Sua mãe me pediu que amparasse você. E eu venho ~~até~~ ^{lho} lhe pedir que me permita cumprir a promessa que

SERESTEIRO -(CONT.) fiz a ela, concordando em que eu venha diariamente visitá-la. Você concorda?

ODETE - Depende. Por que você quer fazer isso? Porque se acha obrigado pela sua promessa?

SERESTEIRO - Não. Porque me acho atraído por você.

ODETE FAZ UM GESTO DE CONSTRAIMENTO,
MAS NO FUNDO ESTÁ SATISFEITA.

SERESTEIRO - E então? Permite que eu venha sempre visitá-la?

ODETE - (Pausa) Sim. Venha quando quiser.

SERESTEIRO SEGURA A MÃO DE ODETE E FICA A OLHAR PARA ELA, SORRIDENTE E FELIZ. ELA OLHA PARA ELE, ACANHADA, DESVIA O ROSTO, OLHANDO A CÂMERA, NUM SORRISO TRISTE E FELIZ A UM SÓ TEMPO.

APROXIMAÇÃO até G.P. de ODETE

AUDIO - FINAL BONITO E ADEQUADO.

SUPERPOE:

- 11º) - TV PIRATINI apresentou
- 12º) - em NOSSO TEATRINHO
- 13º) - A ÚLTIMA SERENATA
- 14º) - Suite de Cambises Martins
- 15º) - História e Realização de Érico Cramer.

AUDIO - DISSOLVE